



## A ausência e a presença do Império nas Cartas edificantes e Curiosas jesuíticas

Newton da Rocha Xavier\*

### Resumo

O trabalho missionário da Companhia de Jesus possibilitou o desenvolvimento de inúmeras atividades científicas e a circulação de informações da América tidas como relevantes na Europa. Esses empreendimentos jesuíticos foram largamente divulgados, entre outras formas, por narrativas, presentes nas publicações de suas Cartas edificantes e curiosas, no século XVIII. A cartografia, uma das atividades ditas auxiliares para o trabalho maior da Ordem – a evangelização – foi fundamental para essa apreensão do Novo Mundo via trabalho inaciano. E através da análise da elaboração de mapas como o do rio Amazonas, do Padre Samuel Fritz ou o *Paraquariae Provinciae Societas Jesu cum adiacentib*, podemos perceber algo latente, que se faz presente em textos e mapas: a oposição entre jesuítas de Espanha e Portugal, que em última análise, são sinais da tensão entre dois impérios no Novo Mundo.

*Palavras-chave:* Jesuítas, cartografia, região amazônica.

Desde sua fundação em 1534, a Companhia de Jesus composta por Inácio de Loyola e seu grupo inicial de seguidores, procurou fortalecer a imagem de um grupo de homens voltados ao trabalho evangélico, dotados de grande disciplina e ardor missionário.

No Novo Mundo, a representação construída pela Ordem, de maneira especial pelas crônicas e correspondências, foi a de defensores dos gentios frente a cupidez dos colonos na terra desbravada e mapeada pelos missionários, que teriam regado o solo ocupado com o sangue e suor produzidos pelo ardor evangelizador<sup>1</sup>. As notícias das missões foram uma grande ferramenta tanto para a propagação da já citada imagem do trabalho missionário da Companhia, como

<sup>1</sup> As missões do Oriente e ou Novo Mundo como vinha a ser regada com suor e sangue pelos missionários, é uma idéia constante em todo o discurso da Companhia de Jesus. Esse lugar comum do discurso jesuítico também aparece nos mapas. Vide o exemplo do caso americano no mapa: Petroschi, Johannes *Paraquariae Provinciae Societas Jesu cum adiacentib*. 1732

\* Mestrando em História Social da FFLCH/USP - newtonrx@gmail.com





também para uma inserção dos padres em diversas discussões de cunho científico na Europa acerca do Oriente e do Novo mundo<sup>2</sup>.

A polêmica em torno da presença jesuítica, de maneira especial na América do Sul, se iniciou ainda no século XVI, considerando os inúmeros conflitos dos padres com os colonos. Tal situação ganhou projeção internacional no século XVIII, como no caso das missões da região do Prata, bem explicitada no livro *Cândido ou o Otimismo* de Voltaire<sup>3</sup>.

Neste longo período de trabalho jesuítico nas Américas Portuguesa e Espanhola, não há como a questão Imperial ser desvinculada da evangelização, segundo percebemos no trabalho de Charles Boxer<sup>4</sup>. O ideário imperial nos estados ibéricos tinha o trabalho missionário como peça essencial, com a especificidade do padroado e *patronato*, tornando essa relação ainda mais forte.

A relação da Companhia de Jesus com Portugal e Espanha, em muitos momentos (não sendo diferente no século XVIII) se viu em conflito com os padres movidos pelo 4º voto, de Obediência ao Papa, que desde o início foi traço essencial do ser inaciano. Neste cenário, a produção cartográfica desempenhou papel de destaque, entre as tensões dos objetivos dos religiosos e das questões diplomáticas.

Apesar da abrangência temática do trabalho jesuítico, chama atenção uma ausência. Mesmo com a imersão dos missionários na política de sua época e de seu atrelamento às questões de discordância entre o império espanhol e português, o termo império não é explicitado, nem de maneira literal, nem por meio de sinônimos nas cartas referentes a América do Sul<sup>5</sup>.

Nas cartas edificantes e curiosas que tratam a Bacia Amazônica e a Região do Prata<sup>6</sup>, não há menção clara ao poder imperial na América, seja ele português ou espanhol. Essa ausência, ao menos de forma literal, pode ser explicada pela natureza da fonte. A troca de correspondência que gerou

2 FEINGOLD, Mordechai.. *Jesuit Science and the republic of Letters*. p.42

3 VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Cândido ou o Otimismo*. Capítulos XIV a XIX.

4 BOXER, Charles. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)*

5 DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quelques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. Vol XII. 1741

6 DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quelques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. Vol XII. 1741.





essas cartas, é essencial ressaltar, é fruto de uma motivação presente já nos primeiros anos da Companhia. Começava nesses textos a descrição dos nativos, das terras estrangeiras e do trabalho evangelizador nos termos da Companhia de Jesus e para a propagação do ideário da Ordem, num modelo adotado em escala mundial. A notificação de trabalhos e descrições da companhia está presente na correspondência de Inácio de Loyola e seus irmãos de ordem desde as primeiras investidas de missionação fora da Europa<sup>7</sup>.

A política, o comércio ou a descrição das terras, não eram temas centrais das cartas, mas têm presença essencial nos textos e foram imprescindíveis para a presença da companhia nos círculos cultos da Europa<sup>8</sup>. É importante citar que as missões eram fontes de informações para as instituições de ensino jesuíticas em um modo de ação típico de uma “central de cálculo”, como bem nomeou Bruno Latour<sup>9</sup>. Um constante fluxo de informações das missões, que seguia ciclos de acumulação, criando uma interligação de informações dentro dos padrões de funcionamento típicos de uma Corporação de Longa Distância<sup>10</sup>, inserida em uma lógica de uma atuação local que fazia parte de um pensamento global<sup>11</sup>.

Para avaliar o impacto do trabalho jesuítico na cartografia, basta citar o impacto dos mapas e descrições da região do Prata, que serviram de base para o trabalho de Blaeu e foram alvo de mais de quinze reedições, como mostrou Guillermo Furlong<sup>12</sup>. No século XVIII, o trabalho de La Condamine na Amazônia, segundo aponta o estudo de Neil Safier<sup>13</sup>, partiu de informações do mapa do Padre Samuel Fritz e de textos produzidos ao longo do trabalho

**7** HARRIS, Steven J. Mapping Jesuit Science. In: The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts p. 218ss.

**8** FEINGOLD, Mordechai. *Jesuits: savants* .p. 42. In: FEINGOLD, Mordechai. (org.) *Jesuit and the republic of letters*.

**9** LATOUR, Bruno. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. 2000. P. 349-420

**10** HARRIS, Steven. Confession-Building, Long-Distance Networks, and the Organization of Jesuit Science. *Early Science and Medicine*. Vol. I. P. 287-318

**11** HARRIS, Steven. Introduction: Thinking Locally, Acting Globally. *Configurations*. nº6.2, P.131-139. 1998.

**12** FURLONG, Guillermo. Los Jesuitas y la Cultura Rioplatense. P. 26ss

**13** SAFIER, Neil. *Measuring The New World Enlightenment Science And South America*. P.58ss





jesuítico da região, que traziam muitas informações relevantes devido aos anos de experiência “*in loco*” e o contato com os nativos, apesar do desprezo que o autor francês quis demonstrar sobre o conhecimento acumulado pelos padres durante todo o seu trabalho.

A partir da análise de uma gravura da edição de 1741 das Cartas edificantes e curiosas, mais especificamente da carta sobre o Rio Maragnon do Padre Samuel Fritz, é possível detectar a tensão dos Impérios Português e Espanhol, refletida na representação cartográfica, já discutida em diversas obras que tratam do assunto<sup>14</sup>.

O padre Fritz que exerceu neste trabalho o papel de cartógrafo, nasceu em 1651, na Bohemia e ingressou na Companhia em 1673, sendo enviado para Quito em 1684 para o trabalho missionário, o que era considerada grande honra para um Jesuíta (pelo menos é o que nos aponta o discurso da Companhia de Jesus) atuando junto aos Omaguas. Suas habilidades o levaram a se envolver na elaboração do já citado mapa, que trouxe muitas complicações ao padre tanto nas adversidades encontradas nas viagens, como nas questões políticas.

Ao defender a posse espanhola da bacia hidrográfica cartografada, segundo ditava o antigo acordo de Tordesilhas, o trabalho do Padre Fritz se tornou um instrumento para as pretensões espanholas na região. Posteriormente também foi fundamental para a demarcação da Guiana Francesa<sup>15</sup>. Essa demarcação da Bacia Amazônica, favorável às ambições espanholas, não era em nada satisfatória à parcela da Companhia de Jesus submetida ao poder português.

A situação de desconforto, perceptível na análise da elaboração do mapa, é omitida no texto nesta edição, que optou por descrever os terrenos, peculiaridades dos americanos, possibilidades econômicas e histórias da região<sup>16</sup> e com a narrativa da atuação missionária.

Serafim Leite em sua obra descreve os imbróglis diplomáticos trazidos pelo mapa do Padre Samuel Fritz e sua lealdade ao Império espanhol<sup>17</sup>. Além disso, sendo Fritz um jesuíta a serviço da Coroa Espanhola, tinha como

<sup>14</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, vol. IV.

<sup>15</sup> FERRAND, Andre. Samuel Fritz revisited. The maps of the Amazon and their circulation in Europe. In: La cartografia Europea tra il Rinascimento e fine dell'Illuminismo. P. 134

<sup>16</sup> DUHALDE, JB et al. *Letras Edificantes e curiosas escritas das missões estrangeiras por aqueles missionários de La Compagnie de Jesus*. Vol XII. P. 212-231.

<sup>17</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil, Tomo IV.





tendência achar negativa a presença lusitana em sua área de evangelização<sup>18</sup>. No entanto, como integrante da Companhia, que em seus estatutos sugeriu a neutralidade em contendas políticas européias, e o desconfortável antagonismo com os jesuítas portugueses, submetidos ao padroado do rei do Portugal, com quem Fritz teve contato, e como apontou André Ferrand, provavelmente trocou informações e consultou bibliotecas em sua estadia em Belém<sup>19</sup>.

Além do destaque no mapa da bacia amazônica, o contato com os reinos indígenas também tem relevância nos textos. Conforme mostra Mary-Elizabeth Reeve no período que ela chama de “anos jesuíticos” (1638-1767)<sup>20</sup>, as relações comerciais acabaram sendo exploradas pelos padres, que desenharam suas estratégias a partir das relações com os povos.

Tanto no mapa de Samuel Fritz, como em outro mapa contido no volume referente à América, um fragmento do *Paraquariae Provinciae Societas Jesu*<sup>21</sup>, as unidades políticas citadas são Reinos indígenas, ou as ditas Nações bárbaras ou infieis. Estas não atingidas ou não devidamente “contatadas” pelos inacianos, sendo tratadas como povos a serem cooptados ou convertidos pela catequização e seu trabalho de integração, ambição essencial do projeto jesuíta, que andou em muito tempo no mesmo compasso que os projetos das coroas ibéricas.

É marcante a distinção entre os submetidos ao trabalho jesuítico e os ditos bárbaros. Os primeiros são representados como reinos, enquanto os não cooptados, aparecem como hordas bárbaras<sup>22</sup>. Essas descrições estão dentro de um padrão do conteúdo epistolar jesuítico sobre o gentio que pouco mudou durante os séculos de atuação inaciana, considerado lugar comum na correspondência jesuítica, não acompanhando processos históricos da colonização

**18** Idem.

**19** FERRAND, Andre. Samuel Fritz revisited. The maps of the Amazon and their circulation in Europe. In: La cartografia Europea tra il Rinascimento e fine dell'Illuminismo. P. 149

**20** REEVE, Mary Elizabeth. Regional interaction in the western amazon. The early Colonial encounter and the Jesuit Years. 1538-1767. In: Ethnohistory, vol. 41, N°1, pp. 106-138. 1993

**21** DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quel ques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. Vol XII. P. 1-55.

**22** PETROSCHI, Johannes *Paraquariae Provinciae Societas Jesu cum adiacentib*. 1732. No mapa, os índios não assimilados são representados sob a legenda “*tuguria barbarorum*”.





da América<sup>23</sup>.

As descrições de limites naturais de território devem ser analisadas de maneira correlata a outros trabalhos, no âmbito social e cultural realizados pela ordem com as sociedades da América, que de alguma maneira se configuraram como tentativas de definição de formas jurídicas para a efetiva incorporação à monarquia portuguesa ou espanhola, objetivo do trabalho a ser efetivado pela união das Coroas com os missionários<sup>24</sup>. Nos mapas, os territórios ocupados pelos grupos americanos contatados são representados dentro das convenções da cartografia europeia, com seus domínios respeitando certos limites naturais, ao gosto das convenções da época.

Chama atenção os trechos das cartas em que se descreve a tensão entre Portugal e Espanha e o papel protetor dos nativos, evocado por Padre Francisco Borges, procurador Geral da Província do Paraguai. Ao descrever os conflitos da região habitada pelos *Chiquitos*, que no mapa reproduzido nas *lettres*<sup>25</sup>, aparecem dispostos em limites geográficos bem delimitados, por rios. Sendo assim, os trechos das cartas, edificantes e curiosas, aqui abordados não escapam à questão imperial tal como podemos classificar, e dão vazão a uma análise sob esse prisma, tanto dos domínios americanos, como das relações entre Espanha, Portugal e Companhia de Jesus.

Em suma, o teor dos textos e mapas das compilações apenas não são explicitamente políticos, mas trazem agendas ocultas e silêncios<sup>26</sup> que tornam possível a identificação das ambições imperiais espanholas e portuguesas. No mesmo cenário figuram os jesuítas, que apesar de ligados às coroas ibéricas, têm motivações próprias, estas que por sua vez alimentaram conflitos internos na Companhia em torno das decisões entre fidelidade às coroas, interesses provinciais ou o projeto da Ordem, seja nas cartas ou nas ações cotidianas.

**23** LABORIE, Jean Claude. A dispersão do saber missionário sobre as Américas de 1549-1610: o exemplo dos jesuítas. In: Revista de História da USP, Nº 152, p.14. 2005

**24** Para análises dessas tentativas em outros âmbitos: AGNOLIN, Adone. Jesuítas e Selvagens: a Negociação da Fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séc. XVI-XVII).

**25** DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quel ques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. Vol XII. p.

**26** Sobre os silêncios nos mapas, vide: HARLEY, J.B. La nueva naturaleza de los mapas. p.113-140





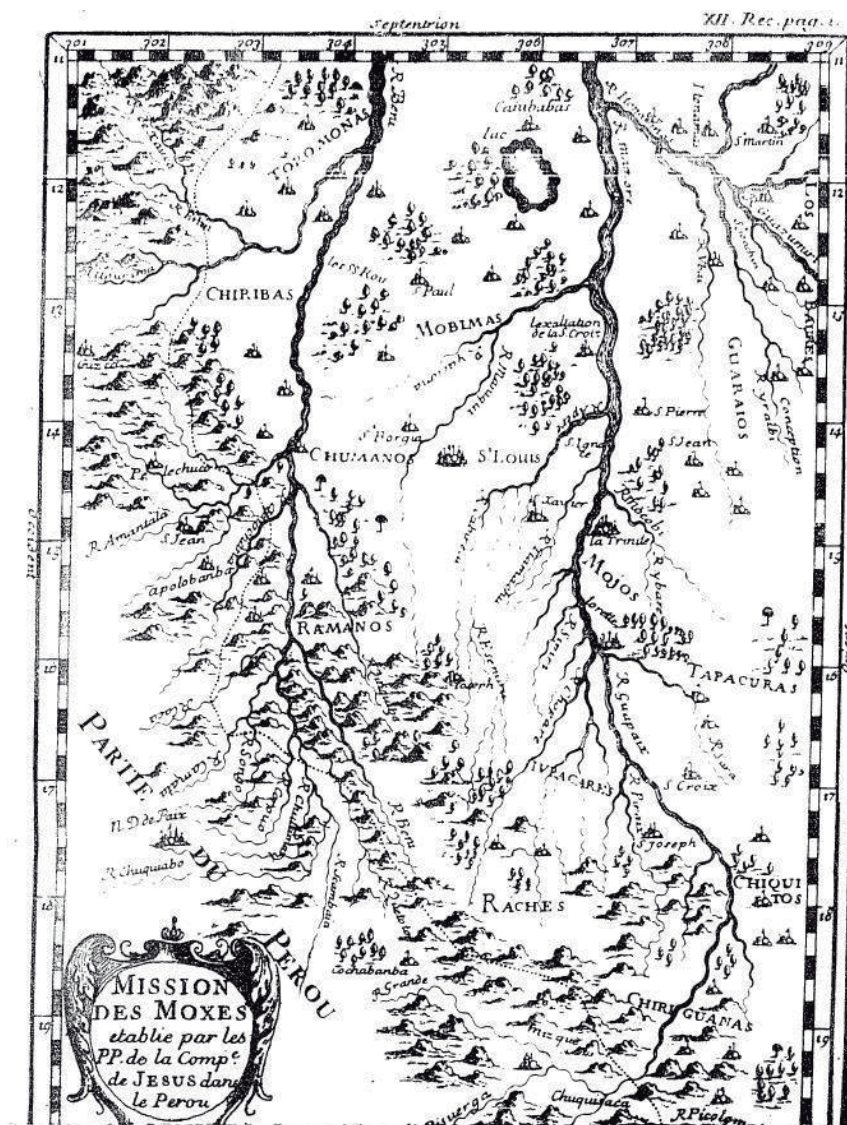
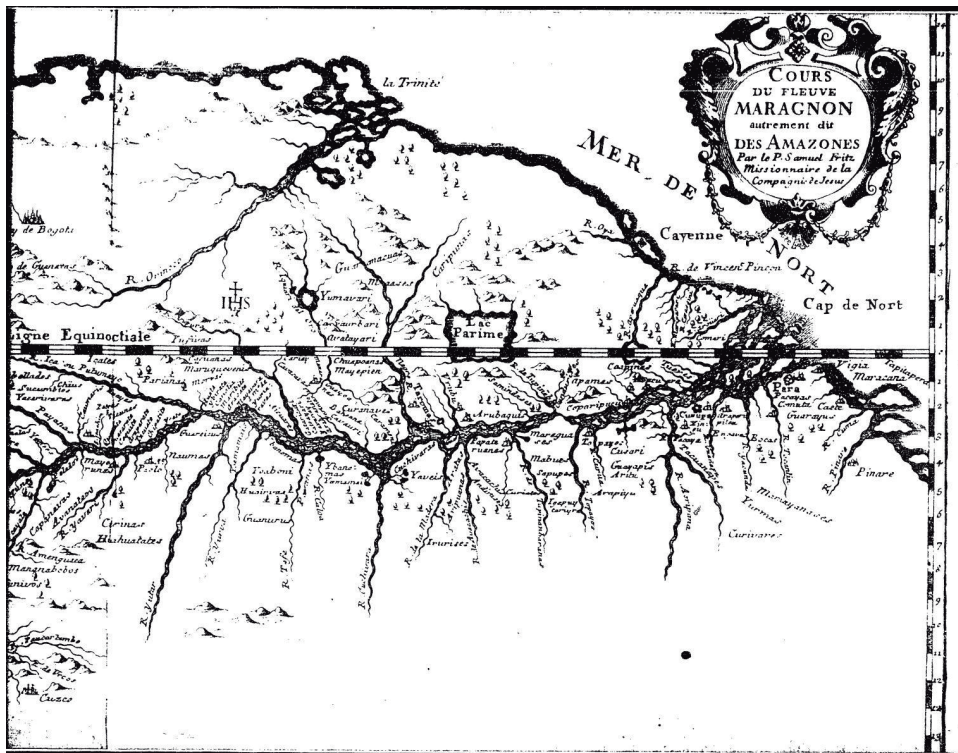


Figura 1 – Mapa da região da missão dos moxos presente em compilação das cartas edificantes. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quel ques missionaires de La Compagnie de Jesus*. Vol. XII. Paris. Chez Nicolas Le Clerc. 1741



**Figura 2** – Mapa Cours Du fleuve Maracnon presente em compilação das cartas edificantes. *Lettres Edifiantes e curieuses ecrites dès missions etrangeres par quel ques missionaires de La Compagnie de Jesus*. Vol XII. Paris. Chez Nicolas Le Clerc. 1741

### Referências Bibliográficas

- ALDEN, Dauril. *The making of an enterprise : the Society of Jesus in Portugal, its empire, and beyond, 1540-1750*. Califórnia: Stanford University Press, 1996.
- AGNOLIN, Adone. *Jesuitas e selvagens : a negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi*. São Paulo: Humanitas, 2007.
- ALMEIDA, Andre Ferrand. Samuel Fritz revisited. The maps of the Amazon and their circulation in Europe. *La cartografia europea tra primo Rinascimento e fine dell'Illuminismo*. Florença: Olschki, 2003.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Samuel Fritz and the Mapping of the Amazon. *Imago Mundi*, Nº 55. P. 113 -119, 2003.





- BOXER, Charles. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *O império marítimo português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quel ques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. Paris: Chez Nicolas Le Clerc, 1741. v. XII.
- EISEMBERG José Eisenberg. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- FEINGOLD, Mordechai. (Org.). *Jesuit and the republic of letters*. Massachusetts: Massachusetts Insitute of Technology, 2003.
- FURLONG, Guillermo. *Los jesuítas y la cultura rioplatense*. Montevideu: Urta y Curbelo, 1933.
- HARLEY, J.B. *La Nueva Naturaleza de los Mapas*. México: Fondo de Cultura Economica, 2005.
- HARRIS, Steven. Mapping Jesuit Science: The Role of Travel in the Geography of Knowledge. In: O' MALLEY, John W.; BAILLEY, Gauvin Alexander; KENNEDY, Frank. *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts*. Toronto, Buffalo, London: Universitiy of Toronto Press, 1999.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Introduction: Thinking Locally, Acting Globally. *Configurations*, Nº6.2, P.131-139, 1998.
- \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. Confession-Building, Long-Distance Networks, and the Organization of Jesuit Science. *Early Science and Medicine*, v. 1, N. 3, P. 287-318, oct. 1996.
- LABORIE, Jean Claude. A dispersão do saber missionário sobre as Américas de 1549-1610: o exemplo dos jesuítas. *Revista de História da USP*, Nº152, P.9-27, 2005.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- LAW, John. On the Methods of Long-Distance Control: Vessels, Navigation and the Portuguese Route to India. *Sociological Review Monographs*, N. 32, P. 234-63, 1986.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. Tomo IV. (1938).





REEVE, Mary Elizabeth. Regional interaction in the western amazon. The early Colonial encounter and the Jesuit Years. 1538-1767. *Ethnohistory*, v. 41, N°1, p. 106-138, 1993.

SAFIER, Neil. *Measuring The New World Enlightenment Science And South America*. Chicago: Chicago University, 2008.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Candido ou otimismo*. Porto Alegre: L&PM, 1998. (1759).

